



CUIDAR DOS ALICERCES



Estes dias são muito diferentes de quaisquer outros que as atuais gerações viveram. De forma particular, as escolas viram quebradas as rotinas diárias, semanais e trimestrais que as caracterizam.

Neste quadro, a realização de boa parte dos projetos que compõem os PIICIE, ligados à vida quotidiana das escolas, foi necessariamente reduzida ou mesmo suspensa.

Num contexto difícil, e não raramente doloroso, professores e educadores, alunos e pais experimentam caminhos alternativos de aprendizagem, com novas potencialidades, como a colaboração entre as famílias e as escolas e formas diferentes de interação, mas também com riscos, de entre estes avultando o acréscimo da desigualdade entre as crianças e os jovens. Importará sobremaneira que sejamos capazes de guardar o melhor destas vivências quando retomarmos gradualmente uma normalidade, já que esta terá obrigatoriamente contornos de tipo novo e será tão mais ajustada quanto formos capazes de nela incorporar as dimensões inovadoramente virtuosas que este período nos vai permitindo explorar.

Sim, temos de aprender com este período excecional e de agir em conformidade. Sublinharia, aqui, a confirmação da importância decisiva do conhecimento científico, da compreensão dos factos e dos fenómenos, da procura de respostas para os problemas sociais, da mobilização de uma comunidade de cidadãos informados e participativos. Sendo que a educação escolar é um alicerce para a assimilação e o desenvolvimento destas competências.

Sem prejuízo das medidas excecionais que forem sendo tomadas a nível nacional em resposta a esta crise, queremos procurar salvaguardar a permanência do apoio dos fundos estruturais a projetos de combate ao insucesso escolar, como os que designamos por PIICIE, e às equipas que os concretizam. A CCDDR-N e o Programa NORTE 2020 continuarão assim a promover, à medida das suas capacidades e nas variadas áreas pertinentes, a criação de condições para uma educação de qualidade para todos.

Fernando Freire de Sousa

Presidente da CCDDR-N e da Comissão Diretiva do NORTE 2020

NESTE NÚMERO

[Equipas multidisciplinares — nota de apresentação](#) [PÁG. 2]

[Equipa Multidisciplinar de Alfândega da Fé: dois anos depois...](#) [PÁG. 3-4]

[MAIS VAL — a relevância da diversidade também nas equipas multidisciplinares](#) [PÁG. 5-6]

[MAIS VAL — perspetiva do Agrupamento de Escolas de Campo](#) [PÁG. 7-8]

[CIM DO CÁVADO — balanço da atividade das equipas multidisciplinares](#) [PÁG. 9-10]

[BARCELOS — Projeto de Intervenção Psicossocial e Psicoeducativa](#) [PÁG. 11-12]

[WhySchool na AMP — promoção de saúde mental em meio escolar](#) [PÁG. 13-14]

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Secretariado Técnico Emprego, Qualificação e Inclusão Social do NORTE 2020.

APOIO EDITORIAL

Unidade de Apoio à Estratégia de Comunicação do NORTE 2020

SUBSCREVA O BOLETIM:
[▶ CLIQUE AQUI](#)



Equipas multidisciplinares — nota de apresentação

1. Regressamos neste boletim ao tema das *equipas multidisciplinares*, depois de, no n.º 2, termos feito uma caracterização geral desta figura nas operações dos PIICIE. Estas equipas estão no centro do objetivo maior destes planos: o enriquecimento da vida escolar das crianças e dos jovens — bem-estar e segurança, apoio técnico personalizado, acesso aos bens culturais, às artes, à experimentação científica, à prática desportiva ou a iniciativas de cidadania — com participação dos municípios, das escolas, das famílias e de outros serviços e instituições locais.

Neste número, o Município de Alfândega da Fé, que apresentou o arranque do seu projeto nesse n.º 2, faz um ponto de situação dois anos passados; o trabalho das equipas de Valongo é-nos descrito pela Câmara Municipal e por um dos agrupamentos de escolas do concelho, o AE de Campo; por fim, a CIM do Cávado sintetiza as linhas de ação das equipas no âmbito do respetivo PIICIE e o Município de Barcelos concretiza.

Embora não se enquadre diretamente neste tema, pareceu-nos oportuno apresentar o artigo sobre o projeto de promoção da saúde mental em meio escolar (AMP).

2. A pandemia exigiu um esforço generalizado de adaptação muito rápida. Tem-se destacado a capacidade de fazer diferente com recurso às tecnologias de comunicação, entre a ansiedade e a criatividade, a incerteza e a determinação; em contraponto, regista-se a sobrecarga de muitas famílias, os efeitos das condições de vida (segurança, alimentação, acesso a equipamentos, apoio próximo) ou as dificuldades acrescidas vividas pelas crianças e pelos jovens com necessidades especiais. Com o tempo, avaliaremos melhor o que (nos) está a acontecer, a capacidade de resposta de escolas e docentes, as diferenças entre idades e até entre territórios.

Sabemos que projetos integrados nos PIICIE têm participado neste esforço, ensaiando novos caminhos. Daremos nota, no próximo número, de alguns desses percursos.

3. Que futuro próximo? Incerto. Mesmo que as condições sanitárias permitissem começar o próximo ano em condições normais, não poderíamos agir como habitualmente. Não é possível.

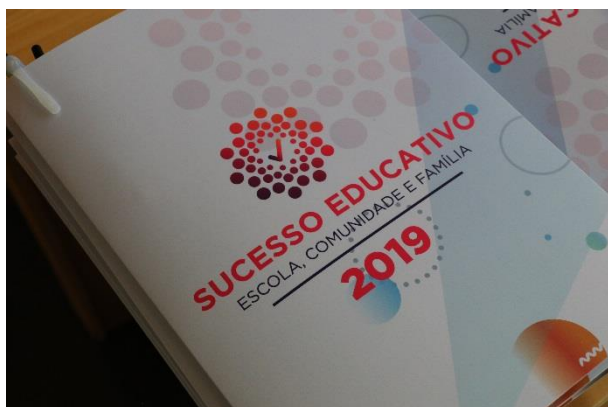
Há muito trabalho de compreensão, recuperação e compensação a fazer, exigindo muito da autonomia pedagógica das escolas e dos professores e do apoio de técnicos de diferentes áreas profissionais. Na “digitalização” das escolas, recordaremos o que aprendemos com a experiência e cuidaremos de uma perspetiva integrada, que combine recursos materiais (equipamentos e redes), formação de todos os intervenientes, apoio técnico especializado, organização de tempos e espaços, recursos pedagógicos digitais, segurança e privacidade. E encontraremos equilíbrio e ponderação no uso do digital, especialmente nos primeiros ciclos de estudo.

Talvez agora seja mais reconhecido o lugar das escolas na sociedade, no apoio às famílias, na promoção da igualdade de oportunidades, na construção da sociedade, ou seja, a importância de uma educação inclusiva para uma sociedade justa. Em coerência, será que vamos levar ainda mais a sério o combate à pobreza e às diferentes formas de exclusão?

Não desconhecemos que a pobreza infantil é multidimensional — que envolve a habitação, a alimentação, os cuidados de saúde, os consumos culturais, as condições de estudo — e que são necessárias políticas e atuações integradas, a começar pelo plano local. Mas também sabemos que, para exercer devidamente a sua missão educativa, a escola não cuida só da educação. Para tal, não pode agir isolada, precisa de ser um nó de uma “rede socioeducativa local” (AE de Campo).

À luz do que estamos a sofrer, repensaremos o lugar das equipas multidisciplinares de apoio às escolas, seja a sua participação na resposta imediata, seja a sua evolução nos próximos anos.

Equipa Multidisciplinar de Alfândega da Fé: dois anos depois...



Com 24 meses de trabalho junto da comunidade escolar do Agrupamento de Escolas (AE) de Alfândega da Fé, a Equipa Multidisciplinar (EM) do Município, constituída por uma nutricionista, uma psicomotricista, uma educadora social, uma psicóloga e uma educadora de Infância (as quatro primeiras pertencentes ao quadro de pessoal do Município e afetas a tempo inteiro ao projeto e a última contratada em regime de prestação de serviços e afeta a tempo parcial), exerce as suas funções no edifício da Ação Social do Município, onde possui um gabinete para atendimento individual a alunos e a pais/encarregados de educação. Porém, atendendo à preferência e aos horários dos alunos, dispõe também de uma sala de trabalho na Escola.

O trabalho desenvolvido pela EM do Município vai ao encontro de um objetivo primordial: o combate ao abandono e ao insucesso escolar dos nossos jovens e o seu maior envolvimento na escola. Já se conseguiu uma articulação profícua com a Direção, os docentes e com a EM do Agrupamento, abrangendo alunos com medidas universais e inclusivas para as quais o AE não tem resposta e trabalhando colaborativamente para o sucesso educativo dos alunos, com o envolvimento de outros serviços/entidades, nomeadamente dos serviços de saúde, de ação social e da CPCJ, para uma mobilização eficaz da rede local.

Atividades de prevenção e sensibilização

Desde o início da sua implementação que a EM tem vindo a desenvolver atividades que correspondem às medidas submetidas em fase de candidatura e que procuram colmatar as necessidades previamente identificadas pelo Agrupamento, pelo Município e pela comunidade educativa, sendo que algumas destas atividades são de prevenção/sensibilização, direcionadas a alunos, encarregados de educação, educadores, professores e também auxiliares de ação educativa, consoante o tema abordado, mas sempre com a capacidade de integrar necessidades entretanto detetadas num esforço de reajustamento constante sem perda do foco da operação.

Das ações realizadas são exemplo: debates e focus group, ações de sensibilização em volta do tema “Promover o sucesso escolar – sinais de risco” para encarregados/as de educação, ações de capacitação para docentes sobre “Dinamização de aulas: estratégias de motivação”, ações de sensibilização para auxiliares de ação educativa, tais como “Como lidar com alunos que apresentem comportamentos de risco”, entre outras.

Foi também realizado um Seminário “Sucesso Escolar: Escola, comunidade e família”, em novembro de 2019, no qual participaram cerca de 100 profissionais de várias áreas e pais e encarregados de educação. Este seminário teve como objetivos a partilha de conhecimento e a sensibilização para várias estratégias que visam o aumento da qualidade do sucesso dos nossos alunos.





Para os discentes, têm vindo a ser realizadas ações de consciencialização e responsabilização pelo seu futuro, de preparação para o mercado de trabalho e de participação cívica.

Acompanhamento personalizado

Outra função da EM é o acompanhamento personalizado de alunos em risco de insucesso/abandono escolar, tendo já acompanhado 40 alunos e suas famílias. Este trabalho tem sido bastante gratificante, pois esses alunos têm melhorado os seus resultados: no ano letivo 2018/19, foi possível constatar que 38 reduziram o número de níveis negativos, transitando de ano. Os restantes dois alunos, pertencentes a uma população migrante, abandonaram a escola, revelando a dificuldade de intervenção junto destas comunidades.

Do acima descrito, fica claro que a população alvo desta operação é o universo de alunos do Agrupamento (382 alunos), mas com incidência particular nos que apresentam risco de insucesso ou abandono escolares. Estes casos chegam à EM através do coordenador dos diretores de turma e /ou da direção, quando não existe resposta no Agrupamento ou quando é necessário complementá-la.

Capacitação, monitorização e avaliação



Acompanhar implica saber como, pelo que, desde maio de 2019, os técnicos participam nas ações de capacitação de âmbito supramunicipal, nomeadamente no projeto “Mentor”, desenvolvido pela Universidade do Minho, que visa aumentar a competência para o trabalho personalizado com os alunos, partilhar

ferramentas no âmbito preventivo bem como criar uma rede de trabalho colaborativo entre as várias equipas da região. Decorrente da capacitação, a EM está a aplicar junto das crianças dos 2º e 4º anos a Estória Ferramenta “Sarilhos do Amarelo” que promove capacidades autorregulatórias nos discentes, esperando impacto a médio prazo. Além disso, a EM participou no Encontro Intermunicipal da CIM TTM, que decorreu em Mogadouro, enriquecendo-se com o intercâmbio de experiências e o debate das dificuldades.

Porque o trabalho tem de ser intencional e eficaz, a EM implementou mecanismos de monitorização e avaliação. Assim, reúne quinzenalmente para orientação e planificação do trabalho; mensalmente, com os representantes dos vários níveis de ensino do Agrupamento e das entidades envolvidas na operação (CPCJ, EM do Agrupamento, Associação de Pais e Encarregados de Educação, mediante a agenda), abordando-se pontos como: acompanhamentos, atividades desenvolvidas, a satisfação dos beneficiários, as dificuldades sentidas, os dados estatísticos, a necessidade de reajustamentos e outros; periodicamente, com a presença do Município, da EM e da Direção do Agrupamento para apresentação e discussão do relatório do trabalho desenvolvido e a correlação com as metas a atingir. Assim, verifica-se, em 2018/19, um decréscimo de 11,5% do número de alunos com níveis negativos e do número de alunos retidos, em comparação com o ano letivo anterior.

Finalmente, a EM produz relatórios sobre os estudantes acompanhados individualmente e aplica questionários de satisfação a todos os beneficiários do projeto.

Porém, monitorizar é o ponto mais árduo e seria necessário um debate mais amplo sobre os indicadores de realização e de resultado das operações e a sua articulação com os indicadores de monitorização utilizados no terreno.

Em conclusão, a maior dificuldade sentida pela EM é a baixa participação dos pais /encarregados de educação, reconhecendo-se também a necessidade de aposta na capacitação dos técnicos.



MAIS VAL — a relevância da diversidade também nas equipas multidisciplinares



O balanço da implementação e do desenvolvimento do MAIS VAL é o nome atribuído ao PIICIE do município de Valongo. Esta designação, que significa *Melhores Aprendizagens, Inovação e Sucesso em Valongo*, procura, intencionalmente, direcionar a atenção para a lógica subjacente à intervenção: mais vale prevenir, mais vale apostar em ações que as escolas percecionem como fundamentais à promoção do sucesso escolar e mais vale investir em recursos humanos e capacitar os contextos.

Com base nessa filosofia, o PIICIE foi, desde logo, encarado como uma oportunidade de reforçar as escolas com técnicos especializados, bem como trazer ações complementares, mais-valias. Como? Diversificando as áreas de formação e as respostas fornecidas, indo ao encontro das dificuldades encontradas pelos Agrupamentos de Escolas.

Tratou-se de um trabalho de auscultação das necessidades no terreno que permitiu identificar os recursos já existentes e as suas linhas de ação, bem como definir, colaborativamente, o caminho a seguir. O município apostou na criação de equipas multidisciplinares que atuam de duas formas diferenciadas.

EMIEV

A Equipa Multidisciplinar de Intervenção nas Escolas de Valongo (EMIEV) é constituída atualmente por uma terapeuta da fala e três assistentes sociais, que, em articulação com docentes e técnicos especializados das escolas, intervêm junto de crianças e alunos/as, desde a Educação Pré-escolar até ao 2º ciclo, e suas famílias, que se encontrem em situação de vulnerabilidade, seja ela familiar, social ou económica, com implicações nas

aprendizagens escolares, tendo em vista contrariar lógicas de reprodução social que podem marcar percursos de insucesso.

A intervenção nos contextos familiares efetiva-se nas áreas do acompanhamento social, da educação parental, da mediação e articulação entre a família, a escola e os diversos serviços. Na terapia da fala a intervenção é direta com as crianças e alunos/as, sendo que a equipa avalia e intervém ou encaminha crianças com alterações na comunicação e linguagem, garantindo a sua frequência na valência de terapia da fala sempre que pertinente, com o objetivo de reduzir o impacto que estas alterações possam ter no nível académico e nas relações com os pares. Desta forma é possível esbater alguns dos constrangimentos das famílias na procura de uma intervenção especializada: falta de disponibilidade, dificuldade em articular o trabalho com o apoio aos educandos, dificuldade financeira para custear este tipo de resposta.

A EMIEV aposta ainda em iniciativas que promovam a formação e o envolvimento parentais, nomeadamente através da realização de Workshops dirigidos a pais, mães e encarregados de educação. Para estes, a equipa já levou a efeito 8 ações, nas quais se abordaram temas como novos hábitos e rotinas na transição de ciclo, a implementação de estratégias face a novas situações e a importância da relação saudável entre família e escola.

Esta equipa possibilitou a criação de sinergias entre serviços educativos, sociais e de saúde, de modo a facilitar a comunicação entre as respostas existentes e agilizar o acompanhamento dos casos. Nos 2 anos letivos acompanhou cerca de 90 processos, na dimensão de serviço social, e 66 crianças na valência terapia da fala.

A entrada de técnicos externos à escola é, contudo, um desafio. A necessidade de partilha, de colaboração entre docentes e não docentes e as dificuldades ainda associadas ao que alguns consideram ser uma intromissão das autarquias na Escola foram fatores que caracterizaram uma resistência inicial que foi sendo substituída pela valorização do trabalho de proximidade e pela articulação e conjugação de diferentes perspetivas sobre a mesma realidade. Esta equipa, assim como todas as outras ações do Plano MAIS VAL, assume um papel complementar à ação das escolas, constituindo-se não como uma estrutura paralela e sobreposta, mas sim fomentando a articulação entre escolas e os serviços. Tem vindo, gradualmente, a ser entendida desta forma pelos intervenientes.



A ação desta equipa é sempre iniciada com uma referenciação pela escola, com base em critérios definidos e conhecidos. Este procedimento permite a identificação clara do problema e das estratégias já implementadas para o superar. Segue-se uma avaliação da situação que culmina com o encaminhamento ou o acompanhamento do caso, imprimindo a necessidade de uma ação em contexto, de proximidade entre técnicos, alunos, famílias e docentes.

Equipas dos projetos Aprender a Aprender e Valer – Valongo a Ler

Além da EMIEV, existem outras duas equipas técnicas especializadas, neste caso de psicólogas, que trabalham em ações muito específicas na área curricular: as ações *Aprender a Aprender* e *Valer – Valongo a Ler*. A particularidade destas equipas é o trabalho “cirúrgico” que realizam. Este aspeto tem particular relevância, pois a especificidade das ações permite uma ação intencional, baseada cientificamente, em áreas consideradas prioritárias para o sucesso escolar: a autorregulação da aprendizagem e a aprendizagem da leitura.

O município de Valongo aposta na especialização em domínios-chave de atuação, como forma de construir soluções adaptadas à realidade das escolas. Ambos os projetos são supervisionados pela Universidade do Minho, conferindo o rigor científico e metodológico necessário para a articulação entre teoria, investigação e prática.

As duas ações baseiam-se na colaboração com os docentes e com os encarregados de educação, de modo a fomentar uma mudança sustentável ao longo do tempo. Desempenham funções nestes projetos 6 psicólogas (3 em cada projeto), que trabalham diretamente nas escolas. A fase inicial dos projetos envolveu a capacitação destas técnicas, ocorrendo ainda semanalmente a supervisão científica do trabalho desenvolvido.

No projeto *Aprender a Aprender* a intervenção é realizada quinzenalmente, em contexto de sala de aula, com o grupo turma. Os alunos do 4.º ano de escolaridade são o público-alvo desta medida que consiste na aplicação do programa validado cientificamente “Sarilhos do Amarelo”. Esta intervenção pretende aumentar a qualidade e profundidade das aprendizagens das crianças dotando-as de estratégias de aprendizagem e de autorregulação, fundamentais no apoio à transição para o 2.º ciclo, que é, para muitas

crianças/jovens, uma fase marcada pela diminuição da qualidade do sucesso e do rendimento escolar. São abrangidas todas as turmas de 4.º ano (36 em 2018/19 e 34 em 2019/20), o que se traduz em cerca de 750 alunos em cada ano letivo.

No projeto *Valer – Valongo a Ler*, a ação direciona-se para os alunos do 2.º ano de escolaridade, abrangendo todas as turmas. Todos são alvo de um rastreio universal, sendo a intervenção realizada de acordo com a abordagem multinível, com alunos em risco, em pequeno grupo, fora da sala de aula. A periodicidade da intervenção depende das características dos alunos, podendo ser semanal ou bissemanal. Paralelamente, são realizadas ações de capacitação para docentes, ações essas que envolveram 48 docentes em 2018/19 e 36 no presente ano letivo. Em 2018/19 foram 784 os alunos alvo do rastreio, tendo sido identificados 323 em risco na aprendizagem da leitura; no presente ano letivo, foram 638 os alunos que efetuaram o rastreio, dos quais 276 com risco na aprendizagem da leitura.



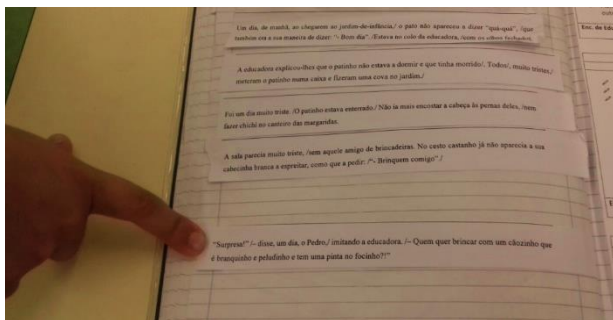
Comentário final

Ao longo dos dois anos de implementação do MAIS VAL tem sido possível constatar que, para lidar com a diversidade, também a existência de técnicos com formações distintas e áreas de especialização heterogêneas é uma resposta eficaz, pela pluralidade de perspetivas, modos de conceitualizar e conceber intervenções e pela necessidade de conciliar e articular soluções criativas para as realidades encontradas.

Um exemplo recente de inovação e resposta a adversidades é a intervenção à distância, construída em virtude da pandemia em que nos encontramos. As técnicas das diferentes equipas têm mantido o acompanhamento dos alunos, em registos novos e desafiantes. Este exemplo permite evidenciar que os momentos de crise são também oportunidades de nos desafiarmos a fazer diferente e a fazer melhor.



MAIS VAL – perspectiva do Agrupamento de Escolas de Campo



O objetivo primeiro do Agrupamento de Escolas (AE) de Campo “é propiciar a aprendizagem de todos os alunos/um conhecimento sólido e robusto, constituindo-se, como requisitos básicos do cumprimento desta função social, o acesso, a permanência e o Sucesso de Todos”. É assente neste pressuposto que o Agrupamento assume como missão *Construir o Sucesso com Tod@s e para Tod@s* – criar e apoiar condições que garantam o apoio diferenciado a cada uma das crianças e dos jovens (in Projeto Educativo).

Assim, o AE direciona as suas atividades para um acompanhamento diferenciado de todos os alunos, através das medidas de promoção do sucesso educativo, como constam no Plano de Ação Estratégica – PNPSE e no Plano de Inovação, e para um acompanhamento de mediação socioeducativa e psicológica. Neste sentido, o Projeto MAIS VAL, desenhado pelo Município de Valongo e iniciado no ano letivo 2018/19, tem-se assumido como uma ação complementar à do Agrupamento e tem sido uma mais-valia para a melhoria do sucesso escolar.

A equipa de coordenação técnica deste projeto é constituída por elementos da autarquia e das direções dos seis AE do Concelho e tem como funções garantir a implementação adequada das ações, a articulação com os diferentes agentes educativos e parceiros, o acompanhamento adequado e a avaliação do projeto, em articulação com a AMP.

Apresentamos sucintamente a nossa perspectiva sobre três das atividades que constituem o projeto MAIS VAL.

Valer – Valongo a ler

Esta ação consiste na intervenção junto dos alunos do 2.º ano de escolaridade com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Para responder a estas dificuldades é feita uma avaliação sistemática que permite traçar o perfil de dificuldades, conhecer/adaptar estratégias e materiais de intervenção.

O diagnóstico é feito, numa primeira fase, através da aplicação de provas coletivas pelos docentes que visam avaliar a compreensão de textos ouvidos e de textos lidos, o reconhecimento de letras e a fluência de leitura; numa segunda fase, por baterias de leitura, por parte de técnicos especializados afetos ao projeto em coadjuvação ao professor titular de turma. No caso do AE de Campo, foram avaliados 110 alunos em 2018/19 e 80 em 2019/20. Em função dos resultados foram definidos os perfis de dificuldades e organizada uma intervenção dirigida e individualizada.

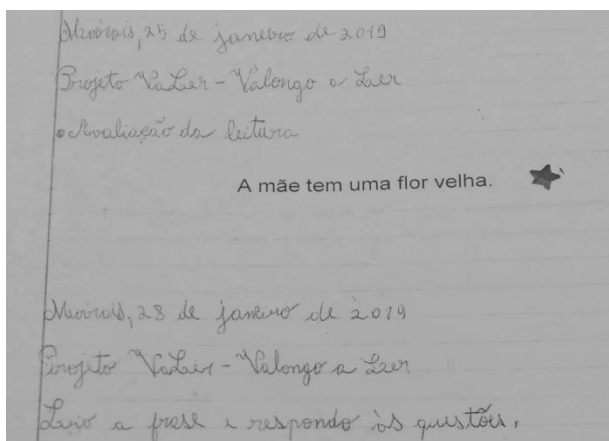
A intervenção específica é efetuada com o apoio da ferramenta “*Ainda Estou a Aprender*”, construída pelos Centros de Investigação em Psicologia e em Estudos da Criança da Universidade do Minho.

No entanto, é referido pelos professores envolvidos no projeto que, apesar de esta plataforma ser um recurso motivador e possuir excelentes materiais, sobretudo para crianças em risco, foi pouco explorada. Uns por não se sentirem suficientemente capazes de assumirem sozinhos esta tarefa, em virtude de a formação disponibilizada ser curta e pouco prática; outros porque consideraram faltar um apoio maior na monitorização do projeto. Gostariam que este tivesse sido operacionalizado numa vertente mais coadjuvada, em que os professores titulares e as monitoras trabalhassem juntos em contexto de sala de aula (professores com o grande grupo e as monitoras com os grupos de risco, mais restrito). Um outro constrangimento apontado é a internet que nem sempre funciona bem e tem falhas constantes, impedindo que os alunos acedam às atividades em suporte digital.

Apesar de os resultados obtidos nos grupos de risco ainda não terem sido os desejáveis, os alunos intervencionados conseguiram obter resultados positivos na disciplina de Português, o que também se deveu, sem dúvida, às estratégias de intervenção implementadas na turma. Estes alunos no 3.º ano, em continuidade, trabalham a fluência da leitura no projeto “Ouvidos Sortudos”.



Nas reuniões da equipa de coordenação técnica, todas estas situações são reportadas e são realizadas a monitorização e a avaliação da eficácia das ações. Esta ação tem também como objetivo a capacitação de docentes, tendo sido proporcionada formação em contexto de trabalho. Os professores consideraram que os conteúdos abordados nas sessões presenciais permitiram um bom enquadramento teórico do programa e revelaram-se adequados e pertinentes.



Aprender a Aprender

Esta ação consiste na aplicação do Programa [Sarrilhos do Amarelo](#), construído e validado pelo GUIA - Grupo Universitário de Investigação em Autorregulação, da Escola de Psicologia da UM, em sessões de Apoio ao Estudo, dinamizada por uma técnica especializada afeta ao projeto, em articulação com os professores titulares de turma do 4.º ano.

As sessões com os alunos decorrem na sala de aula, num ambiente calmo, organizado, de acordo com a calendarização, existindo uma boa articulação entre os professores titulares e a mediadora (psicóloga). Este projeto é considerado como uma proposta de trabalho transversal a todo o processo de aprendizagem: planificar as tarefas, estabelecer objetivos, organizar recursos, monitorizar as tarefas, combater fatores de distração e avaliar produtos. Há tarefas que também são trabalhadas em casa, em ambiente familiar.

Os professores consideram que este projeto contribuiu para a aprendizagem dos alunos, referindo maior motivação e espírito crítico; desenvolvimento da leitura/escrita, do vocabulário, da oralidade e da competência argumentativa; expressão de sentimentos/emoções; comportamento/atitude (saber estar). Sugerem, como melhoria, uma sessão quinzenal de uma hora e meia, ao longo do ano letivo e sempre com o acompanhamento da mediadora.

EMIEV

A Equipa Multidisciplinar de Intervenção nas Escolas de Valongo (EMIEV) é composta por terapeutas da fala e assistentes sociais, de acordo com o diagnóstico de necessidades apresentado pelos diretores dos AE à autarquia. No AE de Campo, destacava-se a importância da intervenção em terapia da fala, principalmente junto das crianças da educação pré-escolar e do 1.º ano de famílias mais vulneráveis.

Na altura da constituição desta Equipa, o Agrupamento já tinha em funcionamento o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAP) como EM que analisava e encaminhava para o serviço/técnico correspondente as sinalizações feitas pelos educadores, professores titulares de turma e diretores de turma. Deste modo, as técnicas do EMIEV foram inseridas na dinâmica já existente, participando na análise de cada caso e na definição de procedimentos de atuação e de articulação com entidades externas como a CPCJ, EMAT, CAFAP, Ação Social da CMV, Saúde Escolar, Protocolo RSI de Campo, entre outros.

Após a entrada em vigor do Decreto-Lei nº. 54/2018, com a constituição da Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI), o Agrupamento optou por manter a raiz da equipa que já havia constituído com os necessários ajustes. De novo, as técnicas da EMIEV são inseridas na dinâmica, como elemento variável, de modo a que se cumpra o desígnio de análise colegial e em articulação com a rede socioeducativa local. O Agrupamento pauta a sua ação pelo princípio da “intervenção mínima” — os alunos e os agregados familiares do AE de Campo sentem que a intervenção educativa se cruza com a social, não replicando estratégias a partir de frentes difusas.

A intervenção das técnicas da EMIEV é sempre definida em conjunto com a EMAEI, sendo que os atendimentos presenciais são realizados na escola do aluno e as técnicas apresentam-se ao serviço do Agrupamento, no sentido de garantir a confidencialidade e a legitimidade para a intervenção.

Conceição Paupério Paulino

Adjunta da Direção do AE de Campo

Ana Isabel Saldanha

Mediadora Socioeducativa do AE de Campo



CIM DO CÁVADO: balanço da atividade das equipas multidisciplinares



O PIICIE do Cávado, em curso desde o ano letivo 2017/18, focaliza parte da sua ação na criação de equipas multidisciplinares, em todos os Municípios do Cávado, para intervir nos fatores de risco sociofamiliar e responder às necessidades dos alunos referenciados com problemáticas psicossociais e psicoeducativas.

Estas equipas englobam 35 técnicos detentores de formação nas áreas de Psicologia (16), Terapia da Fala (10), Ciências da Educação (3), Animação Sociocultural (3), Docência (1), Mediação (1) e Serviço Social (1).



A Comunidade Intermunicipal (CIM) do Cávado, em estreita cooperação com os Municípios, assume um papel catalisador e promotor de ação concertada entre as equipas, assente num apoio e acompanhamento próximo e contínuo. Esta opção visa reforçar o sentimento de pertença e a identidade intermunicipais, promover a construção e aplicação uniformizada de procedimentos, instrumentos e linguagens de atuação,

bem como estimular o trabalho em rede entre as comunidades educativas.



A intervenção das equipas multidisciplinares é acionada por um processo de sinalização, avaliação diagnóstica e definição do plano de intervenção para o aluno, grupo ou turma, em linha com as necessidades sinalizadas pelo professor titular e/ou diretor de turma. Estas equipas têm, por isso, desenvolvido metodologias de intervenção ajustadas às necessidades, barreiras e dificuldades identificadas, ao nível:

- **individual** – sessões de avaliação diagnóstica, apoio e acompanhamento psicossocial, psicoeducativo e de terapia da fala;
- **de grupo e/ou turma** – atividades de educação não-formal e de programas de prevenção dos fatores de risco de insucesso e de promoção de competências pessoais e sociais (Programa de treino de competências – emoções, comunicação, relação com os pais, resolução de conflitos; Programa de consciência fonológica; Programa de apoio à transição entre ciclos e Programa de competências, hábitos e métodos de estudo);
- **familiar** – apoio e aconselhamento psicossocial às famílias, ações de sensibilização sobre estratégias facilitadoras de apoio na transição de ciclos e ações de capacitação parental.



Em termos de monitorização de indicadores de intervenção e de níveis de execução destas equipas, regista-se, nos anos letivos 2017/18 e 2018/19, o seguinte:

- **sinalização** – 2.143 alunos para avaliação diagnóstica, dos quais 286 foram encaminhados para serviços da comunidade (saúde, ação social), e 114 turmas com necessidade de intervenção;
- **intervenção direta** – 1.857 alunos beneficiaram de apoio e acompanhamento individual e 113 turmas beneficiaram de atividades de educação não formal;
- **prevenção e promoção de competências** – foram desenvolvidos 15 programas com o envolvimento de 2.591 alunos e 385 turmas;
- **famílias** – foram envolvidas 1.255 famílias, das quais 939 beneficiaram de intervenção direta e desenvolveram-se 2.366 sessões de promoção de competências parentais.



A CIM investe igualmente em ações de capacitação institucional, no sentido de promover a aquisição de competências, métodos, técnicas e estratégias de intervenção que contribuam para o sucesso educativo. Estas ações têm sido organizadas à medida das necessidades de capacitação, identificadas pelos técnicos e em congruência com a sua área de formação.



Os conteúdos explorados têm-se centrado em estratégias de mediação em contextos socioeducativos, *coaching* parental e educativo; em metodologias de diagnóstico, avaliação e intervenção psicoeducacional; em intervenções da terapia da fala nas dificuldades de aprendizagem, na promoção de competências facilitadoras da aprendizagem da leitura, na identificação precoce de dificuldades de leitura e de escrita no quadro de modelos multinível e na fluência e compreensão em leitura e escrita.

Daniela Gomes
Comunidade Intermunicipal do Cávado



BARCELOS — Projeto de Intervenção Psicossocial e Psicoeducativa



O Projeto de Intervenção Psicossocial e Psicoeducativa tem as suas raízes no contexto educativo de Barcelos já em 2006, havendo agora, no âmbito dos PIICIE, oportunidade de consolidar este modelo de intervenção, estabelecendo metodologias e objetivos muito concretos.

O projeto assenta numa equipa composta por 3 terapeutas da fala e 7 psicólogos, que tem como objetivo desenvolver uma intervenção assertiva em contexto escolar, junto dos alunos em risco ou em situação de insucesso escolar, nas variáveis emocionais, comportamentais, linguísticas ou cognitivas, no sentido de promover as condições necessárias ao sucesso educativo. Esta intervenção é efetuada de forma integrada, contemplando os diferentes sistemas da vida da criança, com preponderância para o sistema familiar.

O público-alvo são sobretudo as crianças do 1.º ciclo do EB que revelam sinais de predisposição para o insucesso escolar ou aquelas que apresentam resultados de insucesso persistente. Esta foi uma opção estratégica, uma vez que neste ciclo de ensino ocorre a aquisição de competências fundamentais para a construção de processos de ensino-aprendizagem orientados para o sucesso, tratando-se simultaneamente de uma faixa etária (6-10 anos) onde existem competências desenvolvimentais muito relevantes com plasticidade para serem trabalhadas. A intervenção neste ciclo de ensino tem ainda como objetivo impedir que os ciclos de insucesso se cristalizem, quebrando assim hipotéticas

situações do desânimo apreendido face à escola, muito comum nos ciclos de ensino subsequentes.

Entre as principais atividades do projeto, destaca-se o foco numa intervenção mais clássica e individual, que trabalha áreas a que a escola não consegue habitualmente dar resposta. Importa salientar que esta abordagem é desprendida de uma intervenção clínica, sendo focada nos fatores individuais (emoções, fatores comportamentais, fatores linguísticos, competências-base) que possam ser facilitadores do sucesso dos alunos.

Contudo, o acompanhamento psicológico ou de terapia da fala é sempre integrado numa intervenção mais ampla que abarca o trabalho cooperativo com o docente, a família e a comunidade escolar, não situando o insucesso exclusivamente no aluno. Aliás, o modelo de intervenção encerra sempre o compromisso entre todas as partes, existindo um comprometimento por escrito do docente, que acompanha, assim como da família, que conhece os objetivos da intervenção, sendo contratualizado um plano de intervenção em que a família se implica.



Concomitantemente, o trabalho de avaliação é também fundamental, no sentido de uma intervenção mais dirigida e profilática. A avaliação, quer ao nível da psicologia, quer ao nível da terapia da fala, permite um olhar global sobre os alunos, as suas competências de base, fatores de risco e fatores potenciadores do sucesso. Realizada o mais precocemente possível, assim que são detetados sinais de risco de insucesso escolar, revela-se uma excelente metodologia de trabalho, na medida em que permite traçar um plano de intervenção orientado, com estratégias muito concretas.



Todo o trabalho das equipas é efetuado em proximidade, cooperação e articulação com toda a comunidade educativa, seja através de capacitação e de consultadoria aos docentes e às famílias, seja através de sessões informativas ou formativas dirigidas à comunidade escolar, seja através de uma articulação permanente com serviços da comunidade, criando canais privilegiados de encaminhamento (Juntas de freguesia, Saúde, CPCJ, Tribunal Família e Menores, IPSS locais, ISS). Registe-se ainda o trabalho de articulação e colaboração permanente com as equipas multidisciplinares das escolas, criadas no âmbito do Decreto-Lei nº 54/2018, para a Educação Inclusiva.

Competências da leitura e da escrita

Não obstante as estratégias de intervenção referidas, mais diretivas, foi igualmente construído um caminho de intervenção mais abrangente, com a elaboração de programas universais promotores do sucesso escolar, que atuam sobretudo nas competências basilares, facilitadoras da leitura e da escrita. Assim construiu-se um Programa de Promoção da Consciência Fonológica, direcionado a todos os alunos do 1.º ano de escolaridade, que permite a facilitação da aprendizagem da leitura e a identificação precoce de dificuldades.

Simultaneamente são articuladas intervenções a montante e a jusante, uma vez que, através da aplicação do instrumento RALF (Rastreo de Linguagem e Fala), é possível identificar e intervir junto de crianças da educação pré-escolar (5 anos), com identificação de fatores de risco, havendo igualmente a colaboração da equipa na aplicação e devolução de resultados das provas CAM (Conhecer, Atuar e mudar), desenvolvidas pela Universidade do Minho e que permitem identificar os alunos em risco para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Importa ainda salientar, como ponto muito positivo deste projeto, a coordenação assertiva de todo trabalho ao nível municipal e intermunicipal por parte da CIM Cávado, promovendo momentos constantes de articulação, formação, partilha e monitorização, a nível supraconcelhio, que se revelam fundamentais para a concretização com qualidade dos objetivos de projeto.

Alguns resultados



Numa breve síntese de resultados, que se reportam ao ano letivo anterior, a equipa do projeto interveio diretamente junto de um total 336 alunos na dimensão da psicologia e de 221 alunos na terapia da fala, num universo de cerca de 4000 alunos. Foram contratualizados 291 planos de intervenção com as respetivas famílias. O Programa de Consciência Fonológica (PCF) abrangeu 931 alunos.

De acordo com o modelo de avaliação de impacto do projeto, cerca de 50% dos alunos que beneficiaram de intervenção em psicologia tiveram alterações no sentido positivo no nível dos três quantificadores da dificuldade identificada. Na Terapia da Fala, há também resultados positivos, sendo que 33% dos alunos melhoraram em pelo menos dois quantificadores e cerca de 20% melhoraram em pelo menos 3 quantificadores. Já no PCF, quando se compara o pré-teste com o pós-teste, verifica-se uma taxa de mudança estimada em 33%, o que evidencia uma alteração significativa na média das competências dos alunos.

Muito há a consolidar na intervenção das equipas multidisciplinares, nesta escola em mudança, aberta a novos profissionais e ao trabalho verdadeiramente colaborativo que integra a visão e o contributo de diferentes profissionais, alargando a janela da escola, que tem de tocar no Mundo que a rodeia. Só assim o pode alavancar, fazer pular e avançar, tal como a bola colorida nas mãos de uma criança, descrita na *Pedra Filosofal* de António Gedeão. Está iniciado esse caminho, com a certeza de que já não terá retorno!

Câmara Municipal de Barcelos



WhySchool na AMP — promoção de saúde mental em meio escolar



A maioria dos jovens dos 12 aos 25 anos vivencia a adolescência e a juventude sem dificuldades graves ou prolongadas. Porém, 20% dos jovens terão experienciado problemas ou doença mental, o que leva a que necessitem de cuidados adequados. As doenças mentais são as doenças mais prevalentes com início nesta fase da vida. E sabe-se que a idade de começo mais frequente para a maioria dos problemas mentais decorre até aos 30 anos, com maior incidência entre os 10 e os 25 anos, ou seja, quando muitos destes jovens estão na escola, afetando as suas vidas nas diferentes áreas, incluindo a académica, sobretudo se não houver um reconhecimento e uma intervenção precoces.

Assim, dotar as escolas e a comunidade escolar de maior competência e segurança na área da saúde mental é um imperativo ético. A Organização Mundial de Saúde preconiza o aumento da literacia em saúde mental como uma das principais formas de diminuir o estigma em relação à doença, aos problemas de saúde mental e à intervenção terapêutica, no sentido de promover uma procura de ajuda atempada e adequada.

Numa perspetiva de saúde mental positiva e bem-estar mental – em que a ênfase se coloca nos recursos pessoais e comunitários necessários para uma capacidade de resposta positiva e criativa aos desafios da vida, na capacidade de estabelecer relações satisfatórias, na satisfação com a vida, na atividade e vitalidade – a promoção da saúde mental e de estilos de vida saudável assume-se também como área prioritária a trabalhar nas escolas, embora ainda nem sempre reconhecida por todos.

A AMP tomou a iniciativa de integrar nos PIICIE, na sua vertente inovadora e audaz, um projeto de promoção da saúde mental – o WhySchool.

Objetivos e realização



O WhySchool na AMP, como um projeto de promoção de saúde mental em contexto escolar, levado a cabo pela EUTIMIA (eutimia.pt) e visando contribuir para a diminuição do insucesso escolar através da melhoria da saúde mental e do acesso aos cuidados de saúde primários, definiu como objetivos principais:

1. Aumentar a literacia em saúde mental nas escolas.
2. Reduzir o estigma e a discriminação das doenças mentais em ambiente escolar.
3. Aumentar a literacia dos pais em saúde mental.
4. Aumentar o *know-how* dos municípios na capacitação na área da saúde/ doença mental.
5. Melhorar a articulação na área da saúde mental entre a escola e os cuidados de saúde primários.
6. Desenvolver e partilhar experiências de boas práticas e conhecimento ao nível local e regional na área da saúde mental.



Apoiados em boas práticas internacionais, nomeadamente da [Teen Mental Health.org](https://www.teenmentalhealth.org), que há muitos anos desenvolve ações de saúde/doença mental nas escolas e com quem o WhySchool trabalha diretamente, adaptaram-se materiais e procedimentos à realidade nacional. Para atingir os objetivos propostos articulámos e desenvolvemos ações em conjunto com os municípios, a direção das escolas, os centros de formação de associação de escolas (CFAE), os agrupamentos de centros de saúde (ACES) e associações de pais.

O WhySchool, utilizando um modelo de capacitação em cascata, desenvolveu, apoiou e monitorou ações de capacitação e sensibilização na área da literacia em saúde mental dirigidas a psicólogos dos municípios, professores de diferentes disciplinas, auxiliares de ação educativa, psicólogos escolares, pais e profissionais de saúde das equipas de saúde escolar dos cuidados de saúde primários (enfermeiros, médicos, psicólogos). As ações de capacitação decorrem em todos os municípios da AMP e consubstanciam-se em sessões formativas com conteúdos programáticos pré-definidos e divididos em módulos temáticos, em que a metodologia de formação combina a vertente expositiva com o recurso constante ao questionamento, atividades/ dinâmicas de grupo e partilha de experiências.

Concretamente, até à data, e antes de se ter interrompido a atividade devido à pandemia Covid-19, o WhySchool capacitou e sensibilizou 316 professores, 21 psicólogos das Câmaras Municipais, 108 outros profissionais escolares e da saúde onde se incluem psicólogos escolares, médicos, enfermeiros e psicólogos dos cuidados de saúde primários, e desenvolveu ações de sensibilização para 185 pais, auxiliares de ação educativa e outros.

Monitorização e avaliação

Para além da monitorização e das avaliações realizadas por equipas externas, o WhySchool inclui um desenho de avaliação pré-pós intervenção, em que se medem os níveis de literacia em saúde mental, o estigma em relação à doença mental e o grau de confiança em identificar/ sinalizar potenciais situações de jovens que possam beneficiar de ajuda, através de escalas validadas.

Procede-se também a uma avaliação do nível de satisfação com as ações. Os dados estão ainda a ser recolhidos, inseridos e tratados. Mas apresenta-se, desde já, a média do indicador de satisfação geral dos profissionais que frequentaram as ações, avaliada numa escala de *Likert* de 5 pontos (de nada a extremamente): $M=4.31$ ($DP=0.71$; min 3- max 5).

Então tudo corre bem? NÃO. Os constrangimentos são vários, uns próprios de um projeto ambicioso, que se propôs alcançar e cobrir realidades escolares e municipais diversas, respeitando tempos, formas de trabalhar variadas, recursos e capacidades de resposta distintos por parte dos municípios, e flexibilizando *timings* e procedimentos, tentando sempre uma intervenção centrada nas necessidades dos intervenientes. Outros, alheios ao modelo de funcionamento e aos diferentes parceiros, mas relacionados com uma exigência em todos os projetos desenvolvidos – as ações dirigidas aos professores têm de estar reconhecidas e acreditadas pelas entidades competentes. Outros ainda, fruto de alterações de vida de elementos da equipa, que fez com que fosse necessário fazê-la crescer e adaptar-se.

Para o futuro, que esperamos que seja próximo, define-se um compromisso e formula-se um desejo: estender o projeto para o próximo ano letivo, no sentido de cumprir as ações propostas em todos os municípios, e criar condições para avançar com novo projeto – *WhySchool.02* – em que a cascata da capacitação termina nos alunos.



Inês Rothes, Ana Teixeira, Virgínia Conceição, Vera Coelho e Isabel Nogueira
Equipa do WhySchool AMP